

Secção 7

A literatura como indagação ao passado-presente: persistências do imaginário colonial e do autoritarismo na contemporaneidade

Leitung | Coordenação: Daniel Marinho Laks, Roberta Guimarães Franco, Silvio Renato Jorge

SALA | RAUM: Trabalho exclusivamente online

Mittwoch | quarta-feira – 15/09

15:00 – 16:30	Treffen der Sektionsleiter:innen Reunião dos Coordenadores de Secção
18:00 – 20:00	Eröffnungszeremonie Cerimónia de Inauguração Eröffnungsvortrag Prof. Dr. Johannes Kabatek (Zürich) Palestra de Abertura Prof. Dr. Johannes Kabatek (Zurique)

Mittwoch | quarta-feira – 15/09

22:00 – 22:30	Daniel Marinho Laks, Roberta Guimarães Franco, Silvio Renato Jorge	online	Apresentação da Secção
22:30 – 23:15	Alexandre Montaury Baptista Coutinho	online	Passados presentes: fugir

Donnerstag | quinta-feira – 16/09

11:45 – 13:15	Plenarvortrag Literaturwissenschaft Sessão Plenária de Literatura		
13:15 – 14:30	Mittagspause Intervalo para almoço		
14:30 – 15:15	Nazir Ahmed Can	online	Ruy Duarte de Carvalho, a tradução e o pó colonial
15:15 – 16:00	Mário Cesár Luarinho	online	Antes, durante e depois do Império: a Rainha Ginga na Literatura Colonial Portuguesa
16:00 – 16:45	Gabriela Silva	online	A revisitação do passado nos romances de Isabela Figueiredo e Dulce Maria Cardoso
16:45 – 17:30	Jorge Vicente Valentim	online	Aquela Mulher Representava o mais doloroso fantasma”: de torturas e resistências femininas antifascistas ou uma leitura de <i>as longas noites de caxias</i> (2019), de Ana Cristina Silva
17:30 – 20:00	Kaffeepause Intervalo para café		
20:00 – 20:45	Emerson Inácio	online	Da outridade: afrodescendências e influxos identitários na literatura portuguesa – balanços
20:45 – 21:30	Sandra Sousa	online	O passado no presente depois de trinta anos: de <i>Os Cus de Judas</i> a <i>Caderno de Memórias Coloniais</i>

21:30 – 22:15	Renata Flávia da Silva	online	Memórias de um mar português no litoral de Angola
22:15 – 23:00	Cinthia Belonia	online	Deslocamento, pertencimento e identidade: de Luanda a Lisboa
19:00	Lesung Sessão de Leitura		

Freitag | sexta-feira – 17/09

13:15 – 14:15	Plenarvortrag Sprachwissenschaft Sessão Plenária de Linguística		
14:15 – 14:30	Pause Intervalo		
14:30 – 15:15	Renato dos Santos Pinto	online	Três lugares, três olhares: as perspectivas sobre o racismo em <i>Quantas madrugadas têm a noite</i>, de Ondjaki
15:15 – 16:00	Christian Dutilleux	online	Os encantados e o passado sem ruínas em “<i>Torto Arado</i>” de Itamar Vieira Junior
16:00 – 16:45	Luci Ruas	online	Viver em Portugal, o (não) lugar de retornados – ler <i>o retorno</i>, de Dulce Maria Cardoso
16:45 – 17:30	Cintia Kütter	online	Corpos subalternizados: uma leitura do romance <i>A gorda</i>, de Isabela Figueiredo e <i>Fome</i>, de Roxane Gay
17:30 – 20:00	Intervalo para o almoço		
20:00 – 20:45	Julio Machado	online	Da culta natura à natural cultura: culturalizações e naturalizações no pensamento pendular de Gilberto Freyre
20:45 – 21:30	Daniel Marinho Laks	online	Memórias em disputa: a narrativa colonialista em <i>O Anjo Branco</i>, de José Rodrigues dos Santos
21:30 – 22:15	Roberta Guimarães Franco	online	As dissoluções familiares na obra de Djaimilia Pereira de Almeida: o passado-presente de uma contínua diáspora africana
22:15 – 23:00	Silvio Renato Jorge	online	Memória e cidade: as marcas do colonialismo

Samstag | sábado – 18/09

14:30 – 17:00	Mitgliederversammlung des DLV Assembleia Geral dos membros da Associação Alemã de Lusitanistas		
---------------	---	--	--

Abstracts | Resumos – Sektion | Secção 7

Cynthia BELONIA

Deslocamento, pertencimento e identidade: de Luanda a Lisboa

Lar e casa são conceitos diferentes, sendo o primeiro referente a pertencimento e o segundo à construção. Partindo desses dois conceitos, este trabalho propõe uma análise acerca da identidade do deslocado e as várias formas de entender o espaço habitado, pois: “além da relação espaço-temporal, o conceito está inerentemente ligado à construção identitária” (ALMEIDA, 2016, p. 49). Para isso, este trabalho analisa o personagem Rui, de *O retorno* (2012), de Dulce Maria Cardoso, e o personagem Aquiles, de *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019), de Djaimilia Pereira de Almeida, buscando compreender como um e outro observam, incorporam e se entendem em Lisboa. Ambos estão deslocados de Luanda: Rui é um retornado e, Aquiles, um imigrante. Para essa análise, terei como base teórica Stuart Hall, Homi K. Bhabha, Luis Alberto Brandão e outros.

Palavras-chave: Deslocamento; Pertencimento; Identidade; Dulce Maria Cardoso; Djaimilia Pereira de Almeida.

Nazir Ahmed CAN (UFRJ / FAPERJ / CNPq)

Ruy Duarte de Carvalho, a tradução e o pó colonial

Acionada indiretamente como tema e como método, a tradução converte-se em “metáfora da contemporaneidade” (Ribeiro, 2004) na obra de Ruy Duarte de Carvalho. Partindo do conhecimento que acumulou em seu contato com os povos pastoris do sul de Angola, o escritor, cineasta e antropólogo reitera os contornos do que chamará de “volta paradigmática e pragmática” no romance *A Terceira Metade* (2009). Ao centrar sua atenção na figura de Trindade, mucuíssô de nascimento e “domesticado tanto pela incidência banta como pela incidência ocidental” (Carvalho, 2009), o autor angolano recusa a visão fatalista (a nação como resultado exclusivo do Império) e a visão essencialista (a nação como resultado exclusivo de si própria) fabricadas pelos discursos dominantes de ontem e de hoje. Como sinal do interesse em dar a conhecer o “outro” em toda sua extensão e profundidade, antes que ele desapareça, Ruy Duarte anuncia as formas e funções de uma gramática com sete grandes grupos de palavras – a base da tal viragem epistemológica – na qual fundamenta parte desta última etapa de seu projeto literário. O objetivo de nossa comunicação é observar o modo como o escritor, operando com materiais habitualmente utilizados pelo tradutor, inscreve o “outro” como antídoto contra a autofagia nacional (Campos, 1984), o intraduzível como motor de reflexão (Ribeiro, 2004) e a criação como expressão de um desejo (Berman, 1995) para refletir sobre o pó colonial, isto é, os resquícios do passado no presente angolano.

Alexandre Montaury Baptista COUTINHO (PUC-RIO)

Passados presentes: fugir

A comunicação propõe uma reflexão sobre a coletânea *O sol na cabeça*, de Giovani Martins, que focaliza indiretamente as derivas de uma mentalidade colonial instaurada nas práticas simbólicas de uma cidade como o Rio de Janeiro. As práticas simbólicas da colonialidade têm sido identificadas por alguns teóricos como um dos traços estruturantes da contemporaneidade, especialmente nesses contextos sul-americanos, em que a memória da experiência colonial e a sua presença implicou regimes tensos de coabitação. As narrativas literárias podem inscrever nos regimes de visibilidade práticas simbólicas que dão forma ao cotidiano marcado pela exclusão. Neste sentido, a ficção atua como um espaço privilegiado de deslocamento estratégico, que permite a captação e a apreensão de imaginários que podem operar estruturas não hegemônicas de conhecimento.

Chistian DUTILLEUX (UFRRJ)

Os encantados e o passado sem ruínas em “Torto Arado” de Itamar Vieira Junior

Na fazenda Água Negra, nos confins do sertão baiano, vive uma comunidade de descendentes de escravos. Ela se formou ao longo dos anos a partir de famílias que fugiam da seca. Os donos da Água

Negra lhes autorizaram a instalar-se na fazenda e cultivar a terra, nas condições de entregar uma parte da sua recolta e não construir moradias permanentes, somente casebres de barro que, com o tempo e as chuvas, acabam desmoronando. Ali, as gerações se sucedem num espaço sem ruínas, sem futuro nem horizonte, onde os gestos do presente (arar a terra, plantar, colher...) são repetidos infinitamente para esquecer de “sofrer, esse sentimento difícil de exprimir e rejeitado por todos, mais que unia de forma irremediável todo o seu povo. O sofrimento era o sangue oculto a correr nas veias de Água negra” (p.246). Esse passado sem ruínas invade o presente onde parece que nada se resolver por completo, onde eventos nebulosos se avolumam em memórias dolorosas e somente os espíritos encantados conseguem produzir algum sentido. Nesse mundo da oralidade, onde os letrados são raros, são os rituais religiosos e as memórias fragmentadas dos anciões que ajudam na travessia de um presente carregado de sofrimento.

A comunicação vai focar a relação entre passado narrado, o presente doloroso e o papel de intermediário entre eles desenvolvido pelos encantados, apoiando suas reflexões em textos de Walter Benjamin, Andreas Huyssen e Boaventura de Souza Santos entre outros.

Roberta Guimarães FRANCO (UFMG)

As dissoluções familiares na obra de Djaimilia Pereira de Almeida: o passado-presente de uma contínua diáspora africana

O 25 de abril de 1974 configurou-se como um marco significativo para a história e para a cultura de Portugal no último quartel do século XX, estendendo-se até os dias de hoje como parâmetro para reflexão de diversos tópicos na sociedade portuguesa. Não à toa a expressão “pós-25 de abril” é recorrente em trabalhos de diferentes áreas das humanidades, voltados para a análise do Estado Novo português, da Guerra Colonial/Guerras de independência, da descolonização, e dos processos migratórios consequentes desse contexto. No entanto, é necessário analisar o período que se segue à Revolução dos Cravos também em termos de continuidade, e não apenas de grande ruptura, já que, embora seja o início da redemocratização após mais de quarenta anos de ditadura, tal democracia é bastante seletiva, deixando à margem da sociedade um espólio da descolonização. A ideia do “fim de império”, consolidada com as independências africanas de 1975, é marcada por intensos processos migratórios, desde a leva dos “retornados” até a migração africana, não apenas das ex-colônias, nas décadas seguintes. A obra literária de Djaimilia Pereira de Almeida insere-se neste contexto. Embora nascida em Angola, é um dos nomes de destaque na literatura portuguesa contemporânea publicada no século XXI. Este trabalho, parte do projeto “O cotidiano como memória coletiva: perspectivas do micro nas narrativas de língua portuguesa”, pretende analisar as recorrentes dissoluções familiares presentes em quatro obras da jovem da escritora - “Esse cabelo” (2015) e “Luanda, Lisboa, Paraíso” (2018), já publicados no Brasil, e os mais recentes “As telefones” (2020) e “Maremoto” (2021), publicados unicamente em Portugal –, como uma forma de ler os processos migratórios como reflexos de um movimento diaspórico fundado por uma lógica colonial.

Emerson INÁCIO (USP)

Da Outridade: Afrodescendências e influxos identitários na literatura portuguesa – balanços

Grande parte da crítica dedicada à produção literária portuguesa do século XX não se furta a afirmar que a identidade seria um dos principais motivadores literários daquele cânone, a ponto de Eduardo Lourenço propor-nos, em “Psicanálise mítica do destino português” um modelo de leitura que, pautado na inflexão literária, visaria compreender os embates entre o vir-a-ser e o querer-ser em torno do que se articularia as identidades portuguesas esteticamente veiculáveis. A despeito da obliteração de sua presença no processo colonial, a literatura portuguesa articulada no século XX pareceu não levar em conta que na constituição de uma identidade que desejava superar o viés agrário, colonial e periférico de sua própria condição, processos de apagamento de alteridades estavam em curso: a mulher, o nativo “colonial”, pessoas migrantes, pessoas negras e afrodescendentes. Assim, este ensaio pretende pensar o “lugar” ocupado pela dicção literária afrodescendente em Portugal, tendo por premissas a blague de *A preta Fernanda*, o silenciamento étnico-racial acerca da condição de Almada Negreiros e a ausência de Mário Domingues do concerto literário português do século XX. Como pensar uma identidade veiculável em literatura quando a outridade/alteridade parecem não ser balizas? O quanto a negação da diferença racial – Estatuto do Indigenato, “voltem para a tua terra” e movimentações que tais –

podem ter contribuído para a construção de um edifício literário em que a ausência do Outro se formula como um silêncio fundante?

Silvio Renato JORGE (UFF/CNPq)

Memória e Cidade: as marcas do colonialismo

O peso do imaginário colonialista no percurso cultural português, principalmente do séc. XIX ao XX – mantendo-se, de certa, forma, até hoje –, é inegável. Durante o longo período coberto Estado Novo, entretanto, tal imaginário ganhou notável impulso, associando-se à matriz salazarista para a formulação de projeto social marcadamente conservador e autocentrado, que incorporava traços estéticos da modernidade como uma camada externa e superficial, de modo a vestir como novas roupagens aquilo que era, e sempre foi, conservador e tradicionalista. Assim, nesta comunicação, pretendo abordar as estratégias utilizadas pela literatura para desvelar esse processo, sobretudo no que se refere à conformação urbana das cidades. Da construção das novas avenidas e da ponte 25 de Abril (durante o período, nomeada como Ponte Salazar) à valorização de determinados monumentos históricos existentes no país, o regime soube construir em torno de si uma aura de grandeza marcadamente conservadora e ideologizada, o que será percebido pelos textos literários que, de forma crítica, acionam elementos capazes de interrogar tais sentidos, para problematizar de modo marcante não apenas a ditadura salazarista como um todo, mas o próprio imaginário colonialista por ela apropriado.

Cíntia Acosta KÜTTER (UFRA)

Corpos subalternizados: uma leitura do romance *A gorda*, de Isabela Figueiredo e *Fome*, de Roxane Gay

Este trabalho tem como objetivo propor uma reflexão sobre o corpo feminino. Pensar o corpo da mulher é algo bastante complexo, mas pensar o corpo de uma mulher gorda ainda é visto como algo inusitado. A escritora portuguesa Isabela Figueiredo, autora de *Memórias de cadernos coloniais* (2009) e *A gorda* (2016), e a estadunidense Roxane Gay, autora de *Fome, uma autobiografia do (meu)corpo* (2017) e *Mulheres difíceis* (2019), propõem ao seu público essa reflexão. No romance *A gorda*, a protagonista Maria Luísa apresenta sua história desde a escola, passando pela paixão por David até suas descobertas de mundo. Seu corpo nos é apresentado como metáfora de sua casa e suas recordações, por esse motivo, discutiremos o conceito que chamamos de corpo-casa. Enquanto na autobiografia *Fome*, a protagonista-autora reconstrói seu corpo-memória cujas lembranças remontam desde os traumas vivenciados por um estupro coletivo, passando pela (des)construção de um corpo socialmente convencional em um corpo gordo. Para melhor compreendermos essas concepções referente ao corpo-casa e ao corpo-memória é importante refletirmos de que maneira elas se constroem, desde a estruturação das narrativas, ou seja, o fato de o primeiro livro não ser dividido em capítulos, mas em partes da casa de Maria Luísa até chegarmos às memórias da protagonista relativas a essa casa. E o segundo, por tratar de uma autobiografia cujos traumas constroem uma rede de autodefesa em torno de um corpo gordo. Para isso, discutiremos com Susan Sontag (2003) de que maneira a personagem feminina se coloca no lugar do outro e como a recíproca, não sendo verdadeira, a incomoda. Com Gayatri Spivak (2010) o lugar da mulher e seu lugar subalternizado e periférico. E com Naomi Wolf (2020) de que maneira o mito da beleza é discutido a partir do viés da mulher gorda.

Palavras-chave: corpo, subalternização, memória, Isabela Figueiredo, Roxane Gay

Daniel M. LAKS (UFSCar)

Memórias em disputa: a narrativa colonialista em *O Anjo Branco*, de José Rodrigues dos Santos

O objetivo deste artigo é discutir o romance *O anjo branco*, de José Rodrigues dos Santos, a partir da ideia do campo literário como um arquivo de memórias que se confrontam em disputa por uma autoridade narrativa sobre um tempo e a legitimidade dos seus acontecimentos específicos. O autor se coloca como representante de sua comunidade de memória e teatraliza, no palco de sua narrativa, uma argumentação ideológica interessada muito mais na representação do que chama de “espírito do tempo” do salazarismo do que na reconstituição factual das ocorrências. Esta noção das intenções que sustentam as ações do regime está intimamente relacionada à base das teorias contratualistas que

justificam o monopólio e a utilização da violência por parte do poder público quando visam o bem comum. Assim, o artigo discute a relação entre história, memória, política e literatura a partir de teóricos como Thomas Hobbes, Hayden White, Micheal Pollack, Margarida Calafate Ribeiro e Diana Klinger. Palavras-chave: O Anjo branco. Memórias subterrâneas. Salazarismo. Monopólio da violência.

Mário César LUGARINHO (USP/CNPq/Capes-Print)

Antes, durante e depois do Império: a Rainha Ginga na Literatura Colonial Portuguesa

Desde o século XVII, as narrativas em torno da personagem histórica Nzinga Mbandi constituíram-se como campo discursivo sob disputas permanente dos agentes envolvidos, fossem eles europeus ou africanos. Apesar do vigor do colonialismo, que a manteve sob sua tutela por três séculos, Nzinga Mbandi, ou a Rainha Ginga, ressurgiu como personagem mítica na literatura angolana como ícone de resistência colonial, ainda, no século XIX, sendo afinal instaurada no panteão nacional angolano pela poesia de Agostinho Neto, já no século XX. Interessa-nos, entretanto, verificar as investidas sobre a personagem histórica, mítica e literária, em obras da Literatura Colonial Portuguesa que, em nosso entendimento, se estende para além do fim do próprio colonialismo (1975). Para tanto, o estudo irá considerar as obras de Hypólito Raposo (1926), J. M. Cerqueira de Azevedo (1949) e Manuel R. Miranda (2008).

Palavras-chave: Literatura Colonial Portuguesa, Nzinga Mbandi, colonialismo, pós-colonialismo, memória, história.

Júlio Cesar Machado de PAULA (UFF)

Da culta natura à natural cultura: culturalizações e naturalizações no pensamento pendular de Gilberto Freyre

Desde os primeiros contatos dos europeus com os territórios que viriam a constituir o Brasil, elementos da natureza tropical foram mobilizados para a produção de um imaginário acerca dos povos ali encontrados. Ao formular sua teoria lusotropicalista, Gilberto Freyre se vale de recursos semelhantes para sugerir que o suposto diferencial colonial português em ambiente tropical decorreria, dentre outros elementos, de semelhanças entre os domínios de natureza da península ibérica e os dos territórios coloniais portugueses. Algumas das premissas do pensamento lusotropicalista podem ser mapeadas já em sua dissertação de mestrado, *Social life in Brazil in the middle of the 19th century* (1922), uma das bases para *Casa grande e senzala* (1933). No entanto, é a partir da conferência “Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira”, de 1940, que o ensaísta defenderá com especial ênfase o suposto diferencial positivo dos portugueses em seu trato com os povos oriundos de regiões tropicais. No presente trabalho, a partir da leitura, sobretudo, de *Aventura e rotina* (1953), analisamos como Gilberto Freyre, em seu afã de tentar justificar a continuidade portuguesa em suas possessões coloniais, vale-se de um mecanismo pendular de abordagem, ora buscando culturalizar elementos da natureza tropical, ora buscando naturalizar certos dispositivos de cultura mobilizados pelo salazarismo como instrumentos de dominação. Para tanto, analisamos os comentários feitos por Gilberto Freyre acerca dos jardins e das quintas de Portugal (incluindo-se os que ele encontra nas colônias), bem como as referências à presença de tais elementos na literatura.

Renato dos Santos PINTO

Três lugares, três olhares: as perspectivas sobre o racismo em *Quantas madrugadas têm a noite*, de Ondjaki

O romance *Quantas madrugadas tem a noite* (2004), de Ondjaki, é narrado em primeira pessoa por um protagonista que reside em Angola, mas recupera de sua memória viagens realizadas ao Brasil e à Portugal. Em cada uma de suas experiências nesses lugares o narrador aborda a questão racial: em Angola, o tema aparece circunstancialmente em um comentário que reproduz uma antiga anedota racista sobre as caracterizações de um branco, um mestiço ou um negro correndo pelas ruas de Luanda e, também, a partir da perseguição de populares a um albino por acreditarem que se poderia extrair de seu cérebro um líquido capaz de curar a Aids; no Brasil, o narrador polemiza com militantes de movimentos negros de Salvador, na Bahia, sobre seu desconhecimento cultural em relação à Angola e ao continente africano, além de questionar a existência de uma dança denominada Afro e de uma

literatura exclusivamente negra; em Portugal, o narrador denuncia o olhar racista do europeu e faz um paralelo entre diferenças culturais em diferentes países. Nosso objetivo é observar em que divergem e em que confluem as opiniões do protagonista sobre cada situação mencionada, recuperando conceitos utilizados em teorias que abordam a decolonialidade e o pós-colonialismo.

Luci RUAS (UFRJ)

Viver em Portugal, o (não)lugar de retornados – ler *O Retorno*, de Dulce Maria Cardoso

O romance *O retorno*, publicado em 2011 e escrito por **Dulce Maria Cardoso**, tem por foco uma situação gerada ao longo do processo de descolonização dos territórios africanos do ultramar, em 1975, a do retorno de milhares de colonos a Portugal. *Porque é que há tão pouco material escrito sobre estes retornados?* – indaga a autora, não só espantada por conta do grande sucesso que o livro logrou alcançar, mas também porque desfazia a ideia de que o assunto não interessava a ninguém, a despeito da situação traumática vivida por esses sujeitos, tão mal recebidos e estigmatizados em Portugal, ela mesma filha de portugueses e retornada. O protagonista do romance é Rui, nascido em Angola e, portanto, não-retornado, que nutre um sentimento de inconformismo derivado do exílio forçado a que é submetido, quando sua família volta à antiga metrópole. De acordo com Margarida Calafate Ribeiro, *Os filhos e netos dos grandes movimentos migratórios, frutos do pós-guerra e das descolonizações – mas também da fuga à pobreza, à violência e ao abandono e à falta de desenvolvimento – mostram-se, tornam-se incomodamente visíveis*. Como se dá esse processo de visibilidade incômoda nesse romance ambientado no pós-revolução de abril, que nos apresenta os conflitos desses indivíduos, sobretudo por meio das reflexões do protagonista? Como se manifestam e problematizam as questões que inquietam esse protagonista e seu sentimento de não-pertencimento ao país a que chegara? Pensamos com Margarida Calafate, que é de fundamental importância promover *a interação entre memória e história [...], pois ela encena quotidianamente um debate sobre a atualidade*. É este o nosso propósito: refletir sobre essas questões e sobre o modo como se fazem no romance, como ficção.

Gabriela SILVA (UFLA-MG)

A revisitação do passado nos romances de Isabela Figueiredo e Dulce Maria Cardoso

Revisitar o passado significa procurar por elementos que possibilitem o entendimento do presente. A literatura se constitui num grande tecido engendrado pela memória e pela ficção. Walter Benjamin, em seus textos sobre a história, diz-nos que “uma verdadeira imagem do passado passa por nós de forma fugidia”, portanto ao sabermos que o passado é o tema de uma obra literária reconhecemos o significado dessa revisitação. Voltando a atenção à ficção portuguesa do século XX, especificamente das últimas décadas, deparamo-nos com narrativas que abrangem o passado e determinadas visões políticas e sociais. O século português marcado por uma ditadura severa e pelas guerras coloniais é o objeto de análise dessa proposta. *Caderno de Memórias Coloniais*, de Isabela Figueiredo e *O Retorno*, de Dulce Maria Cardoso, apresentam leituras diferentes de um mesmo recorte histórico, a independência das colônias africanas, o fim da dominação portuguesa e o retorno das famílias para Portugal. A “mitologia colonialista” da qual nos fala Eduardo Lourenço, apresenta-se nos romances através do comportamento das figuras que exemplificam diferentes tipos de pensamentos e percepções acerca do momento histórico experienciado. Assim, rupturas e reconhecimentos perpassam as narrativas de Isabela Figueiredo e Dulce Maria Cardoso. Existem entre as duas obras pontos de aproximação que enunciam visões do colonialismo e do pós-colonialismo português, reconhecidas nos “estereótipos” e “tipos” dos quais nos fala Ana Paula Arnaut.

Palavras-chave: pós-colonialismo; retornados; ficção portuguesa; Isabela Figueiredo; Dulce Maria Cardoso.

Renata Flávia da SILVA (UFF)

Memórias de um mar português no litoral de Angola

A obra **Memória de mar**, escrita em 1978 pelo escritor angolano Manuel Rui, nos apresenta uma narrativa de múltiplas temporalidades e uma permanência: a memória de um mar que se fez português pela dominação e que se refaz angolano. Um grupo de pesquisadores angolanos, entre eles, um major, um historiador e um sociólogo, viajam no tempo e no espaço percorrendo, em diferentes momentos,

anteriores e posteriores à libertação, a chamada “Ilha dos padres” e seu entorno, ora em terra ora a bordo de um submarino português tripulado por “navegadores” dispostos a tudo para continuar a epopeia marítima lusitana. O enredo, que mistura humor e crítica pós-colonial com um toque de literatura fantástica, tematiza a construção de uma discursividade colonial, calcada na ideia de uma missão civilizadora atribuída aos portugueses por uma vontade divina, a qual permeia toda a temporalidade da dominação portuguesa em África e que ganha um fôlego extra durante o regime totalitário de Salazar. A fervorosa devoção dos padres habitantes da misteriosa ilha à Nossa Senhora de Fátima, padroeira de Portugal, tensionada ao temor e à crença na Quianda alegorizam, na obra em questão, o mar, território em disputa, local de memória e resistência. É analisar a construção textual dotada de uma forte consciência metaficcional, capaz de problematizar forma narrativa e experiência temporal, arquitetada por Manuel Rui, nosso objetivo no presente estudo.

Sandra SOUSA

O passado no presente depois de trinta anos: de *Os Cus de Judas* a *Caderno de Memórias Coloniais*

Precisamente trinta anos passaram entre a data de publicação de *Os Cus de Judas* (1979) e *Caderno de Memórias Coloniais* (2009) de Isabela Figueiredo. No espaço destas três décadas incontáveis narrativas de ficção saíram a público debruçando-se sobre o espaço colonial português, e sobre a guerra que culminou no seu desfecho, tanto visto de fora, ou seja, através do olhar do africano (ex)colonizado e seus descendentes, como de dentro, por meio da escrita daqueles que directa ou indirectamente participaram do processo de colonização. Tendo em conta o papel proeminente do campo teórico de estudos sobre memória que nos tem proporcionado relevantes e vantajosas lentes para examinar não apenas autobiografias, mas ficção que enfatiza as memórias autobiográficas dos personagens-narradores, este estudo pretende indagar e explorar o poder da resistência contido em narrativas de cunho pessoal. Para tal, analisar-se-á em comparação os livros *Os Cus de Judas* (1979) e *Caderno de Memórias Coloniais* (2009), tendo-se igualmente em conta o elemento “tempo” na construção de uma memória sobre o império colonial português. Por outras palavras, o distanciamento temporal implica uma memória menos comprometida emocionalmente e mais pragmática sobre os eventos do passado?

Jorge Vicente VALENTIM (UFSCar)

“Aquela mulher representava o mais doloroso fantasma”: De torturas e resistências femininas antifascistas ou uma leitura de *As Longas Noites de Caxias* (2019), de Ana Cristina Silva

A presente comunicação propõe tecer algumas reflexões em torno do romance *As longas noites de Caxias* (2019), da escritora portuguesa Ana Cristina Silva, a partir da concepção de “passados presentes”, de Andreas Huyssen (2000, 2014), em que o “deslocamento na experiência e na sensibilidade do tempo precisa ser explicado histórica e fenomenologicamente” (HUYSSSEN, 2000, p. 9). Perseguindo esta premissa, importa-nos pensar como as experiências de viver na época do Salazarismo e da herança da perseguição aos que resistiam às duras estadias nos porões da PIDE ainda repercutem nos dias atuais, ora reavivando situações fantasmáticas, ora expurgando definitivamente a sua presença. Da satisfação respaldada na maldade à revolta antifascista, a obra em questão aposta nas diferentes vivências de personagens femininas, contextualizadas entre a década de 1950 e os primeiros anos do século XXI, com uma ênfase especial para o período de recrudescimento da censura, da perseguição, da prisão e das práticas de tortura, executadas na prisão de Caxias. Com estes recursos, o romance em foco operacionaliza um certo projeto de “culturas de memória” (HUYSSSEN, 2000, p. 34), em que é preciso lançar luz sobre figuras que ficaram na sombra, não para glorificar o passado, mas para dele tirar lições inequívocas e manter com uma constante e potente reflexão crítica.